

Alegorias da condição feminina no cinema de Ana Carolina: uma análise de "*Mar de Rosas*"¹

Paulo Miguel QUINTANILHA²
Letícia Xavier de Lemos CAPANEMA³
Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

Diante da realização cinematográfica feminina no Brasil durante os anos 1970 e 1980, período atravessado pela ditadura militar e pela erotização do cinema brasileiro, destacamos a obra de Ana Carolina, cineasta que roteirizou e dirigiu a trilogia *Mar de Rosas* (1977), *Das tripas Coração* (1982) e *Sonho de Valsa* (1987). Tratam-se de filmes de autor (AUMONT; MARIE, 2012) que abordam a condição feminina nas fases da infância, da adolescência e vida adulta, e que problematizam, com nuances fantásticas e surreais, a relação entre homens e mulheres. Nesta comunicação, buscamos compreender o modo como a cineasta cria *alegorias* (BENJAMIN, 2004) da condição feminina, por meio da análise estética, narrativa e discursiva do filme *Mar de rosas*.

PALAVRAS-CHAVE

Cinema Brasileiro; Cinema realizado por mulheres; Ana Carolina; Alegoria.

Fugindo de uma abordagem histórica já conhecida, na qual predominam filmes de realização masculina, esta pesquisa busca compreender um grupo de produções ainda pouco explorado, o extenso e rico repertório de filmes realizados por mulheres no Brasil. Entretanto, são filmes e cineastas que apenas nos últimos anos têm se tornado objeto de estudos, passando a compor livros, periódicos e novas compilações da história do cinema brasileiro (HOLANDA, TEDESCO, 2017; LUSVARGHI, SILVA, 2019; RAMOS, SCHVARZMAN, Sheila, 2018). O período destacado por este estudo abrange a fase mais violenta da ditadura militar no Brasil, marcada pelo decreto Institucional n. 05 (AI.5) e pela popularização da pornochanchada, gênero que frequentemente propôs representações objetificadas da mulher, por vezes de caráter machista e misógeno. Portanto, buscamos compreender proposições estéticas, narrativas e discursivas de filmes realizados por mulheres no período citado (entre as décadas de 1970 e 1980),

¹ Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 25 a 27 de maio de 2023.

² Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), email: paulomiguelquintanilha@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora doutora do Curso de Cinema e Audiovisual da FCA-UFMT, email: leticia.capanema@ufmt.br

bem como identificar suas estratégias para burlar a censura, realizar e distribuir seus filmes.

É desse contexto que destacamos a obra de Ana Carolina Teixeira Soares, cineasta paulistana (1943) que passou pela área da saúde (Medicina) antes de estudar na Escola Superior de Cinema da Faculdade São Luís. A pesquisadora Ana Veiga (2013) alega que Ana Carolina foi a cineasta mulher mais conhecida de sua época, visto que ela soube, de uma forma bastante particular, em filmes autorais, contornar os obstáculos da censura, por meio de suas alegorias, metáforas e ironias.

Entre o final da década de 1960 e até a primeira metade de 1970, Ana Carolina realizou sete curtas-metragens, além do documentário *Getúlio Vargas* (1974). Apenas 10 anos após o lançamento do seu primeiro curta (*Lavra-dor*, 1967), foi que a cineasta lançou seu primeiro longa de ficção, o *Mar de Rosas* (1977). Apesar de possuir uma das carreiras mais consistentes dentre as realizadoras mulheres, há ainda um grande intervalo (cerca de 4 à 5 anos) entre os lançamentos dos filmes de sua trilogia (*Mar de Rosas*, 1977; *Das Tripas Coração*, 1982; *Sonho de Valsa*, 1987) e um intervalo maior ainda (cerca de 13 anos) entre *Sonho de Valsa* e *Amélia* (2000).

Ao analisar "filmes de autor" (AUMONT; MARIE, 2012), isto é, filmes em que são evidentes as marcas autorais da direção, como é o caso da obra de Ana Carolina, é imprescindível considerar o espaço-tempo que enquadra sua produção: o Brasil (ou mesmo a América Latina) em tempos de ditadura. Assim é notável que sua trilogia - composta pelos filmes *Mar de Rosas*, *Das Tripas Coração*, *Sonho de Valsa* - atravessa e é atravessada pelo contexto sócio/político e cultural do endurecimento do Regime ditatorial militar, bem como sua supressão em meados dos anos 1980. Paralelo ao cenário político, é também nos anos 1970 e 1980 que emerge a pornochancha e um expressivo processo de erotização do cinema brasileiro. Estando ainda nos anos de chumbo e de forte repressão do regime militar brasileiro, e permeada pela tendência erótica do cinema brasileiro da época, a cineasta recria a experiência social dentro de bolhas diegéticas, propondo articulações fantásticas e surreais de personagens em determinadas configurações de espaço/tempo, por meio de ricas alegorias da condição feminina.

Neste resumo expandido, nos voltamos para a análise de *Mar de Rosas*, primeiro filme da trilogia da condição feminina, onde Ana Carolina traz questões caras ao

feminismo em seu articulado uso de alegorias, metáforas e ironias, flertando com o surrealismo e filmes autorais. Para articular a análise, usaremos a significação dada por Walter Benjamin (2004) para alegorias, traduzida pela pesquisadora Patrícia Lavelle como uma “metamorfose expressiva da ligação convencional entre significado e significante, conceito e imagem” (2021), a fim de entender como elas são construídas para retratar a condição feminina, bem como para burlar o órgão censor.

Mar de Rosas nos apresenta primeiramente Betinha (Cristina Pereira), uma adolescente que em sua primeira cena é vista urinando, de costas, e logo após entra em um carro de forma desengonçada; Felicidade (Norma Bengell) que, ironicamente, é mostrada pela primeira vez em um *take* frontal o qual a personagem não apresenta nenhum esboço de felicidade (situação que se mantém durante todo o longa), e seu marido Sérgio (Hugo Carvana). A família está em viagem de São Paulo para o Rio de Janeiro até que, em uma briga num hotel, Felicidade agride o esposo com uma navalha. Acreditando que o homem estivesse morto e então, livre do casamento, mãe e filha fogem de volta para São Paulo. *Mar de Rosas* é um filme de estrada (*road movie*), gênero cinematográfico em que os personagens fazem uma viagem de carro e se deparam com situações que alteram a perspectiva da vida cotidiana. Em primeiro momento, a viagem de São Paulo para o Rio de Janeiro seria para “acertar a porcaria da nossa vida” (Felicidade, 5:28), e agora de volta para São Paulo, a personagem se torna uma fugitiva pela tentativa de assassinato.

Fazendo um paralelo ao fim de seu relacionamento, na viagem de volta, Felicidade vê um carro caído em um rio lamacento, onde das vítimas do acidente só é possível enxergar a mão e braço pendurado envolto a um vestido de noiva. Em diálogo com a filha, ela enfatiza a destinação ao fracasso que todo casamento tem (como ocorreu com o dela), afirmando que “nem tempo de sentir ódio um do outro eles tiveram; morreram sujos; Não, vai ver morreram limpos, não teve casamento; eles pensavam que tinham tudo: amor, juventude, amor”, ao que Betinha responde apenas com “tipo caguei”, seguido de uma risada, conotando o desinteresse da garota pelo casamento, o que rompe as duas gerações de mulheres em relação a desejos e pensamentos sobre laços afetivos matrimoniais e liberdade. Apesar de Felicidade já ter dito anteriormente aceitar o divórcio, sua liberdade é ilusória, momentânea e passará

com o encontro do carrasco de Sérgio (Orlando Barde, interpretado por Otávio Augusto) que neste momento já a persegue em um fusca preto.

Pode-se inferir que o personagem de Barde seja a representação da tirania e perversidade ditatorial, assim como também espelha o posicionamento da virilidade controladora, sendo suas atitudes com Felicidade a própria concepção de um jogo de manipulação e violência, a personificação militar masculina representado por um civil que se passa de bom moço, porém anda armado. Ele trata a personagem como se a ela fosse apenas um peão em sua função de “fazer com que os outros me obedeçam”, se aproveitando da situação (onde sua missão era apenas prendê-la) para fazer jogos psicológicos, perseguir, violentar e até mesmo estuprar Felicidade, se aproveitando da fragilidade da mulher. Se o homem não possui um grande cargo ou emprego que lhe permita o controle, ele o faz com as próprias mãos, dentro da diegese do filme, no ambiente que lhe convém. Seguindo seu jogo de controle, Barde declara em um jogo de palavras: “me irrita muito essa mania desses jovens ficarem andando por aí: Ah, f(F)elicidade. Pra mim a f(F)elicidade podia ser abolida”, ao que Betinha indaga, percebendo que a fala se trata da mãe: “não falei mãe”, porém sua suspeita é ignorada.

Felicidade até tenta tomar o controle da situação (assim como vinha tentando tomar o controle de sua vida), porém é como se ela estivesse condenada à subordinação, sempre havendo alguma figura masculina em seu calço. Sendo exatamente o que lhe separa da geração de Betinha, que é quem usufrui da liberdade que a mãe tanto sonha e defende, uma vez que a menina rompe a relação de controle que ela está ao empurrar Liberdade e Barde do trem, na última cena do filme.

Das Tripas Coração, filme que abre a trilogia de Ana Carolina, propõe representações alegóricas de temas como o casamento, a maternidade, as diferenças de gerações e as relações entre homens e mulheres, repletas de nuances surreais e irônicas. De certa forma, o filme também dialoga com seu tempo, reverberando de modo crítico e metafórico elementos que marcam o final dos anos 1970 no Brasil, como a presença deletéria do Regime Militar Ditatorial de fundamento violento e patriarcal e as discussões e questionamentos sobre a condição feminina.

REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário Teórico e Crítico de Cinema**. Campinas: Ed. Papyrus, 2012.



BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. Lisboa: Assirio & Alvim, 2004.

KAMITA, Rosana. O cinema e as relações de gênero pelas lentes de Ana Carolina. **TORNQUIST, Carmen Susana et al. Leituras de resistência: corpo, violência e poder**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

LAVELLE, Patrícia. Glossário Walter Benjamin. In: **Revista Cult**, ago, 2021. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/glossario-walter-benjamin/> Acesso em 27/03/2023

MOCARZEL, Evaldo. **Ana Carolina Teixeira Soares: Cineasta Brasileira**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2010.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)**. VI Congresso SOPCOM, Abril 2009.

VEIGA, Ana Maria. **Cineastas Brasileiras em Tempo de Ditadura: Cruzamentos, Fugas, Especificidades**. 2013. Tese (doutorado em história) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

VEIGA, Ana Maria. Gênero e cinema, uma história de teorias e desafios. In: **Revista Estudos Feministas**. vol.25 no.3 Florianópolis set./dez. 2017.

XAVIER, Ismail. **Alegorias do Subdesenvolvimento Cinema Novo, Tropicalismo, Cinema Marginal**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.